

**RICARDO TIMM DE SOUZA**  
**PUC do Rio Grande do Sul**

**HUMANISMO E ALTERIDADE**  
***A filosofia frente à radicalidade do desafio humano***

**Introdução**

*Após a filosofia haver recolhido tudo em si... o ser  
Humano descobre subitamente que ainda está aqui...  
eu, pó e cinzas, ainda estou aqui.*  
Franz ROSENZWEIG

O objetivo maior deste texto - investigar as condições de sustentabilidade e legitimação que a idéia de “humanismo” possa vir a assumir em nosso contexto extremamente complexo - desdobra-se em duas partes. Em primeiro lugar, pretende-se delinear rapidamente um panorama de alguns problemas centrais da situação cultural e do pensamento filosófico contemporâneo, focado desde sua gênese a partir da decadência de determinados projetos histórico-sociais, bem como apontar algumas questões centrais que se propõem à filosofia contemporânea desde a situação humana concreta, com referência expressa ao contexto no qual vivemos - que é aquele desde o qual pensamos, e que sinaliza a falência das concepções tradicionais de humanismo pelo fato de não terem sido, no dizer de E. Levinas, “suficientemente humanos”. E, em segundo lugar, será sugerida a radical inversão necessária para que o próprio pensamento filosófico, no que se refere estritamente ao tema deste estudo, reencontre seu estatuto de legitimação em um universo de sentido fragmentado, através do recurso a categorias filosóficas e operativas variadas.

**I - Algumas características e desafios da contemporaneidade**

*A miséria e a injustiça social não passam, na verdade  
eufemismos do assassinato.*  
E. LEVINAS

O alvorecer do novo século e milênio oportuniza e mesmo exige a configuração de um panorama avaliativo, o mais lúcido possível, da realidade presente. Em termos filosóficos, temos de realizar urgentemente um inventário deste século espantoso que foi o século XX - poderíamos, sem grandes receios, falar de um inventário dos *salvados* do século XX, do que se salvou apesar das infinitas tensões deste século paradoxal.

Podemos iniciar nossa análise, em termos histórico-sociais, desde uma

constatação básica que norteará doravante nossa reflexão. Trata-se do seguinte: o século XX é a situação sócio-histórico-cultural particular no qual fracassou definitivamente uma espécie de *promessa de conciliação* vigente na raiz do otimismo não só do pensamento moderno, mas do próprio logos grego.

Por que podemos falar - e com um acento muito marcado - em fracasso de uma modelo de compreensão de mundo? A chave para tal questão está na espantosa dicotomia concreta no qual o século XX se constituiu, na *esquizofrenia material* que o constitui, no rastro de dicotomias anunciadas desde a origem da própria racionalidade ocidental na forma que veio a desaguar nas estruturas maiores de pensamento filosófico do ocidente. Tal dicotomia se expressa, grosso modo, no seguinte nó paradoxal: em nenhum período da história da humanidade deram-se *simultaneamente* fatos tão *absolutamente excludentes* em termos de mútua referencialidade, fatos cuja mera idéia de articular em um todo de sentido que não estivesse contaminado pelo mais delirante e anacrônico historicismo estabelece uma inviabilidade absoluta, não por alguma debilidade racional, mas pela imiscibilidade concreta de suas ocorrências, cuja mera aproximação em termos de racionalização se constituiu por si mesma em algo como uma "proposta indecente". Não há, dentro da lógica das boas vontades - e aqui recorreremos a um simples exemplo ilustrativo -, nenhuma possibilidade de articular logicamente o sentido da Conferência de Wannsee e do ato heróico particular de M. Kolbe - para citar apenas dimensões de alta visibilidade - em um mesmo *telos* histórico, seja este qual for, esteja este sendo lido do prisma que se queira, a não ser que se esteja reproduzindo o dilaceramento incontornável que transforma a própria idéia de humanismo numa ridícula fantasmagoria anacrônica. E este é, evidentemente, apenas um dos inumeráveis e infinitamente multiplicados exemplos que se sucedem que espantosa velocidade em nossos tempos. A dolorosa lucidez do século XX rasga os véus da história, expondo o pulsar do inconciliável, do múltiplo, que a habita. Por um lado, conquistas absolutamente monumentais nos mais diversos campos das ciências, por exemplo; avanços os mais extraordinários e espantosos da medicina, da técnica, da ciência experimental nos mais diversos campos. Por outro, a mais abjeta degradação de tudo o que os séculos tinham tanto se esforçado por designar sagrado, e que com enormes lutas estatuíram como relativas intocabilidades - a dignidade humana, por exemplo; e não em termos teóricos, mas nas valas por onde corre sangue e morte, e não apenas na guerra aberta. Pois em nenhum outro momento da história a dignidade humana foi a tal ponto tripudiada, a ponto desta violência vir a se constituir não em um elemento a mais na composição grandiosa da contemporaneidade, mas *na forma pela qual os fatos decisivos desta história são, meramente, abordáveis*. Se as guerras tradicionais culminavam em campos de inominável dor, repletos de cadáveres, a guerra fulcral do século XX - a Segunda Guerra Mundial - determina pelo menos duas novas frentes de ineditismo, ainda como que *além* do infinito sofrimento que é já parte constituinte de toda e qualquer guerra - e ainda em um processo de crescente intensidade. Pois se nos fornos crematórios nazistas da gente que entrava sobrava muito pouco além de cinzas, nas explosões atômicas em Hiroxima e Nagasaki, no epicentro do inferno, nem cinzas eram testemunhas do que ali se passou; algumas manchas azuladas indelevelmente impressas no concreto indicavam que ali, em algum momento, houve uma pessoa, ou um grupo de pessoas. Se a obsessão de um modelo de conquista do ocidente tem sido desde sempre reduzir o Outro a nada, ao Não-ser absoluto, estes foram provavelmente alguns dos momentos aonde se chegou mais perto de um tal sucesso - exatamente no coração do século XX, neste momento tão especial no qual se gostaria de ver de forma indubitável sugestões de que, finalmente, o ser humano acharia o caminho da melhor sobrevivência possível, através de uma técnica e de uma ciência que se anunciavam então, há muitas décadas, como gloriosas.

E as grandes questões desta esquizofrenia material não param por aí, mas

avançam - para ficarmos meramente em exemplos bélicos - por outras guerras que se seguem à Segunda Guerra Mundial; vejam-se a Guerra da Coréia e a do Vietnã, e, mais além, as do Iraque e da ex-Iugoslávia, para nos determos apenas em contados porém eloqüentes exemplos. O que aí temos é a transformação - ou a efetivação - da mais cara e refinada técnica em técnica de *destruição*.

Podemos, porém, abandonar facilmente o terreno bélico, e, não obstante, teremos à vista dimensões desta esquizofrenia de forma igualmente eloqüente. Tomemos, por exemplo, as grandes questões sócio-ecológicas. Os ameaçadores e complexos problemas que se propõem à humanidade a partir do fenômeno do aquecimento global e do popularmente conhecido como “buraco de ozônio” não são questões de uma determinada racionalidade, ou de uma determinada forma de ver o mundo, mas são, sim, situações concretas que nenhuma racionalidade contemporânea pode deixar de levar em consideração. Estamos aqui no terreno dos fatos brutos, e não das especulações. E, não obstante, sociedades e países há que agem como se tais situações estivessem sujeitas à demiúrgia de suas vontades de poder; quando nações poderosas se negam a assinar urgentes protocolos de redução de emissões de poluentes, estão exteriorizando toda a intensidade de seu delírio de grandeza, o qual, em sua insanidade, atesta acreditar poder fazer reversíveis todos e quaisquer efeitos de sua lógica de crescimento pretensamente infinito.

## **II - Da possibilidade de pensar o humanismo, hoje: o Humanismo desde a Alteridade**

A possibilidade de pensar o humanismo, hoje, passa assim pelo cuidadoso ato de levar a sério as razões que determinaram a falência inapelável de tantos modelos de humanismo, os quais fracassaram pelo único motivo de, como já referimos, *não serem suficientemente humanos*. Ao translocarem o ser humano concreto, em sua inconfundibilidade, de seu *lugar* inconfundível, e instaurarem neste seu lugar seu conceito, seu universal, tais modelos de humanismo - credores, em última análise, de um modelo de racionalidade muito bem determinado e de uma estrutura lógica de fundo muito específica - acabaram por perpetrar a maior das violências: aquela que permite que as violências do dia a dia sejam transformadas em restos de um mundo em processo de auto-lubrificação, processo esse contra o qual Walter Benjamin se insurgiu de forma tão aguda.

Mas se é verdade que os modelos de humanismo que se baseiam no exercício da liberdade de um eu autônomo, nos moldes impressos pela modernidade, tendem a fracassar - tanto em teoria como enquanto estabelecimento real de relações que sustentem os elos inter-humanos constitutivos de uma sociedade justa, então é necessário que se fundamente em outra instância de realidade a substância essencial da própria idéia de humanismo, reconstruindo-a em seus constitutivos mais profundos e fundamentais, acordes às prementes exigências da contemporaneidade.

Neste sentido, a articulação que será aqui proposta obedece à seguinte estrutura de apresentação:

- a) Em primeiro lugar, será proposta uma concepção de realidade que assente como seu constitutivo mais profundo e determinante para a

abordagem do real não a obsessiva redução do múltiplo ao uno, mas, pelo contrário, a preservação do múltiplo *enquanto* origem - origem da própria racionalidade que se verte à realidade

- b) Em segundo lugar, será proposta uma categoria interpretativa que pretende sugerir a concretude da multiplicidade de origem na proximidade inter-humana. Referimo-nos aqui à categoria de “Alteridade”, aquela, se bem verdade insuficiente para dar conta do que se sugere em termos de radicalidade da referida pluralidade de origem, pode assumir, no contexto desta investigação, suficiente eloquência para sustentar o essencial da argumentação e resistir à tendencia sincronizante-unificante do modelo logocêntrico de racionalidade.
- c) E, em terceiro lugar, lançar-se-á recurso de uma categoria consagrada na história da filosofia, a fim de que a estrutura da argumentação seguida alcance, neste nível, suficiente tangibilidade: a idéia de “subjetividade”. Apenas: subjetividade compreendida desde parâmetros totalmente diferentes daqueles “claros e distintos” da modernidade autônoma - subjetividade cuja constituição real depende de um quarto conceito operativo, ou categoria interpretativa: aquela de “responsabilidade”. Subjetividade que apenas se constitui enquanto tal *porque* suporta a alteridade que a multiplicidade concreta determina, e suporta enquanto *responde* por sua existência e dignidade.

De posse destas aproximações da questão, poderemos enfim, após esta longa e árdua cadeia argumentativa, desembocar no que aqui precipuamente nos interessa: as condições de possibilidade da concepção de um modelo crível de humanismo, um humanismo não alérgico à alteridade, mas dela substancialmente *dependente*, enquanto expressão de incontornável respeito à sua realidade, e respondente às exigências de um tempo inquieto e intransigente com relação às propostas de conciliação do passado.

## **1 - O múltiplo enquanto origem**

Mostramos alhures de como o logos grego - determinação do pensamento ocidental - desdobra-se fundamentalmente como uma obsessiva redução da multiplicidade à unidade. À multiplicidade do real, que se dá ao pensamento de infinitas formas, o logos opõe seu poder classificador e sintetizante, estabelecendo simultaneamente uma hierarquia de validade ontológica, ao consubstanciar categorias interpretativas todas referidas de uma ou outra forma ao presente do indicativo do verbo “ser”. No princípio está a unidade do verbo ser, raiz da própria idéia de fundamento.

É este poder unificante e sintetizante - a transformação da realidade em uma “lógica da realidade”- que permite avanços monumentais, por exemplo, mas formas empírico-indutivas de conhecer o mundo - e a ciência moderna talvez seja sua maior glória.

Todavia, esta *opção pelos universais*, pelos conceitos, pelas leis gerais, pelas instâncias onde a corrosão do tempo não chega, pelo presente do indicativo e pelas grandes categorias interpretativas da realidade, traz consigo muitos problemas, por exemplo, quando encontra um outro humano; pois ser humano não é deixar-se subsumir em um conceito, por mais eminente que esse seja, mas antes em negar-se a se deixar “resolver” numa forma conceitual, ao manter a capacidade original da linguagem e da presença que chega de além do mundo bem organizado em categorias e questiona sua legitimidade. *O humano só é concebível na multiplicidade dos*

*humanos*, e em nenhum outro lugar - nem como conceito, nem como parte de uma fórmula, muito menos como objeto de razão.

Portanto, ao se falar de humanismo, faz-se absolutamente necessário que esta multiplicidade de origem ocupe, exatamente, *uma posição de origem*. É desde aí, *desde o encontro entre os múltiplos*, que o humanismo pode vir a esperar reencontrarse com sua vocação proferida. Na multiplicidade de origem, temos a possibilidade de conceber a legitimação da concretude humana que, a rigor, é essa multiplicidade mesma; na Aufhebung do particular humano no conceito ou na idéia, na intemporalidade e na unidade analítico-sintética da razão, o que temos é uma violência que afasta a priori qualquer possibilidade de salvar o que é obrigado a entregar todo seu sentido a esta violência unificante-sincronizante: o humano propriamente dito em sua condição de insubstituível.

## **2 - A Alteridade enquanto dimensão própria do humano - o Mesmo e o Outro**

A categoria de Alteridade, quando de humano se trata, esvazia-se da sugestão que normalmente a palavra “categoria” traz consigo. Pois essa categoria especial só existe para se anular na ocorrência da alteridade mesma que invade a lógica da minha compreensão e de minhas auto-determinações e como que a implode.

Para nos aproximarmos do tema da Alteridade tal como aqui enfocado, tomemos um exemplo privilegiado: a *morte* enquanto articulação de uma *alteridade radical*. Em outro lugar, interpretamos este tema, desde sugestões levinasianas, da seguinte forma:

O que “é” a morte? A questão não pode, nem ao menos, ser assim formulada - a morte não *é, nunca foi* nem *será*; quem *é, foi* ou *será* é quem tenta atá-la coma as cadeias da ontologia. Mas a morte se *deu, se dá* ou *dará*. E se dá, no pensamento de Levinas, como uma *estrutura formal original da alteridade*. A morte *porta* o seu próprio sentido. Ela é o outro em sentido radical - “a morte é o futuro que irrompe sem projetos em direção ao presente, e desfaz todo projeto” - ao que se poderia acrescentar: é a confrontação da cronologia com sua íntima insuficiência ontológica, ou a confrontação da “ordem” com o seu arbitrário artificialismo rítmico. Trata-se da desintegração “ontológica” das categorias que a própria ontologia engendrou, por algo que a ontologia não com-preende e que “me impede de conhecer o todo” (Rosenzweig). Desencanto supremo em relação à subjetividade, a morte *tem a estrutura de uma relação ao outro*. “A morte vem desde **além** do horizonte”, e por isso é *mistério* que só gravita ao redor de si mesmo, e não ao redor de uma projeção consolada ou desconsolada de uma subjetividade violentada pelo sofrimento. (...) Ocorre, na morte, a derrição da maestria onipotente, o des-controle instaurado a despeito das possibilidades de inconformidade do voluntarismo traído por sua própria saturação ontológica. A morte: primeira formulação inequívoca de uma estrutura de alteridade absoluta.

Assim, em sua radicalidade absoluta, a morte é sinal inequívoco que os poderes racionais não são suficientes para transformá-la em uma dimensão neutra, em um mero termo de equação, seja esta tão sofisticada quanto se queira. A morte, que chega revestida pela categoria de alteridade, destrói esta categoria pela sua própria ocorrência concreta em termos reais e não categoriais. A morte é um “modelo” privilegiado de sugestão do que possa vir a ser a alteridade, pois se constitui numa dimensão de extrema radicalidade não neutralizável por minhas ferramentas racionais,

por mais potentes que essas sejam.

Mas a morte é apenas a primeira - muito embora deveras impressionante - de uma cadeia de acontecimentos que significam a expressão da alteridade. Muitas outras dão-se à realidade. Dizíamos naquele texto:

Mas a estrutura da alteridade ... não se esgota, absolutamente, na morte. Na própria família - em seus vários aspectos - manifesta-se a *novidade ao velho*, o diferente ao igual, o outro ao mesmo: na alteridade amorosa, no filho em relação aos pais. Três exemplos, um só sentido formal: ao mesmo, totalidade para si referenciada, aproxima-se um Outro heteronomamente referenciado e que se expõe ou obriga desde sua *gravitação heterógena* em torno a um pólo de referência que o Mesmo *não pode dar*. Quem é, portanto, o Outro? *É a dimensão de des-neutralização eminente do Mesmo de si para si mesmo, em meio às suas razões e auto-justificações*. É o que não deixa o Mesmo enquanto Mesmo repousar...

E, neste sentido, pode-se compreender de que modo o humano só pode ser Outro na forma atrás expressa. Qualquer tentativa de reconduzi-lo, enquanto postulação do intelecto ou idéia da razão, ao posto de correlato do conhecimento, tem de necessariamente falhar, na medida em que o que eu do outro posso vir a conhecer se resume àquilo que eu do outro sou capaz de apreender - o que é definitivamente muito pouco, especialmente quando levamos realmente a sério o fato de que o outro - *o humano propriamente dito* - não é senão a multiplicidade, a diversidade infinita de singularidades que eu não posso sintetizar de forma alguma em uma unidade sob risco de violentar o essencial do ser humano: sua humanidade, exatamente.

### **3- Subjetividade enquanto responsabilidade por outrem**

*A partir de certo ponto não há mais qualquer possibilidade de retorno. É exatamente este o ponto que devemos alcançar.*  
Franz KAFKA

*Vivemos em uma época em que as vozes De ontem agonizam e as de amanhã balbuciam.*  
E. LEVINAS

Voltemos agora à “minha” posição possível enquanto sujeito. Estou falido enquanto “eu claro e distinto”- ao mais tardar, desde as descobertas da psicanálise. O sujeito moderno faliu com suas promessas; não foi capaz de sustentar a responsabilidade pelo que não é ele, criado e educado que foi para sustentar-se apenas a si mesmo na solidão de uma razão onipotente e onideterminante e cujo mero exercício da liberdade - entendida como liberdade burguesa - determinava já toda a justificação que esse exercício demandava. Porém agora, após as grandes crises do século XX, *minha idéia de subjetividade não é mais suficiente para a sustentação de minha subjetividade real* - eis uma das mais dolorosas descobertas da consciência contemporânea.

Mas minha subjetividade real tem de persistir - a não ser que eu abdique definitivamente de toda e qualquer idéia de liberdade e autonomia e me transforme num mero juguete cósmico, incapaz não só de agir como de refletir.

Porém, minha subjetividade sustentar-se-á, agora, não mais na idéia que dela possa vir a ter, mas na efetividade dos atos que assumem sentido enquanto “suporte” da alteridade. Se a multiplicidade é a origem de todo sentido, então tudo que a negue retrai para si mesmo o sentido - e aí podemos incorrer em mortais paradoxos como os antes citados, na proximidade e distância infinitas entre os atos e decisões dos chefes nazistas na conferência do Wannsee e os de M. Kolbe - mas sempre *atos*, atos que realmente determinam a realidade humana, no sentido levinasiano da ética como filosofia primeira. Se disso esquecermos, estaremos novamente mergulhados naquilo que temos chamado de “esquizofrenia material”. A subjetividade tradicional, ingênua, não sobrevive incólume à violentação do real; ela é transformada em pó, em não-ser, como tudo o que se opõe ao desdobramento da totalidade.

A subjetividade somente pode reencontrar sentido ao levar a sério a dimensão que sustenta a possibilidade de todo e qualquer agir inter-humano: a multiplicidade do diverso, dos diversos - infinitamente diversos - humanos. Subjetividade, neste sentido, significa precipuamente: “não estar sozinho no mundo” - e com isso se evidencia a trágica falácia de um termo como “intersubjetividade”, mesmo com toda a sua imensa carga de boas intenções. A minha subjetividade se constitui na *responsabilidade que sou capaz de assumir frente ao peso da alteridade*. E, dessa forma, *ser sujeito é ser responsável pela manutenção e dignificação da multiplicidade infinita do diverso que chega prototipicamente em cada outro*, cada outro que eu sou incapaz de reduzir a uma função de meu intelecto. A auto-reflexão - que pressupõe sempre, para existir, que alguém tenha permitido que eu chegasse à idade auto-reflexionante, ou não poderia se dar (e isso é uma questão do agir, e não do mero pensar) - cede lugar à reflexão pelo *sentido* que pode assumir a responsabilização pelo além de mim mesmo. E o sentido desta responsabilização que se concretiza frente a cada outro é a expressão de que minha subjetividade - uma subjetividade *eticamente* determinada - sobrevive em meio à infinita fragmentação e violência contemporâneos.

### **III - Conclusão - o humanismo como responsabilidade indelegável pela alteridade**

Temos agora, portanto, elementos para pensar as condições possíveis de um humanismo que faça justiça ao essencial do humano e não se perca em boas intenções - pois não se baseia em cartas de intenções, mas nas ações éticas que já estão, desde sempre, defasadas em relação à demanda do Outro. *Trata-se de um Humanismo que tem no respeito à Alteridade sua única razão suficiente de ser*, e sem o qual simplesmente não existe. Ele se constitui, o Humanismo desde a Alteridade, como uma dimensão de Resposta às questões humanas; e as questões humanas dizem respeito todas, sem absolutamente nenhuma exceção, à digna manutenção e promoção da singularidade humana que cada ser humano porta.

Pensar portanto o Humanismo neste alvorecer de novo século e milênio se constitui, assim, em reencontrar na raiz mais profunda do existir a razão de ser do existir, qual seja: construir o sentido da convivência realmente humana em direção definitivamente *plural* para além de qualquer generalização e banalização desse sentido; desconstruir as lógicas totalizantes, violentas e falsamente conciliatórias, que proclamam humanismos grandiloqüentes ao mesmo tempo em que semeiam a morte e a destruição, e que se revestem de formalidades e sutilezas filosóficas para evitar que seu núcleo real seja percebido; e apostar no propriamente desconhecido: o Outro que, vindo de infinitamente longe, suporta minha existência ao chamá-la inelutavelmente à responsabilidade ética.

*Porto Alegre, 24/4/2001.-*